

## A técnica como modo de existência em Gilbert Simondon: tecnicidade, alienação e cultura

Diego Viana de Oliveira  
vianadeoliveira@gmail.com

Doutorando Diversitas-FFLCH, Universidade de São Paulo, São Paulo, Brasil

**Resumo:** Redescoberta a partir da década de 1990, a obra de Gilbert Simondon coloca a técnica em uma posição central na reflexão filosófica. Mais do que uma faculdade do humano, a técnica aparece em Simondon como uma afecção determinante para todo regime do coletivo e do psíquico, fundadora de configuração do modo de estar no mundo. Este artigo visa retrazar o caminho pelo qual Simondon encontra a técnica como um problema filosófico antigo e escamoteado, cuja recuperação se torna urgente com a contemporânea imbricação entre a tecnologia e o devir do fenômeno humano.

**Palavras-chave:** técnica; individuação; alienação; trabalho; hilemorfismo; substancialismo.

**Abstract:** The work of Gilbert Simondon, recovered in the 1990s, places technicity in a central position for philosophical thought. More than a human faculty, technicity appears in Simondon as a determinant affection for the entire regime of collective and psychic existence. It finds thus a plethora of configurations of the modalities of being in the world. This essay seeks to retrace the ways in which Simondon discovers technicity as an ancient philosophical problem that has been veiled, the recovery of which becomes ever more urgent given the contemporary interpenetration between technology and the becoming of the human phenomenon.

**Keywords:** technique; individuation; alienation; work; hylomorphism; substantialism.

### 1. INTRODUÇÃO

Segundo o filósofo canadense Brian Massumi, a redescoberta da obra de Gilbert Simondon e sua rápida difusão no mundo anglófono se devem a uma mudança paradigmática. A urgência de pensar a interpenetração entre o humano e a tecnologia a partir da década de 1990 exigiu o recurso a um pensamento capaz de dar conta não apenas da técnica como tal, mas do devir técnico e humano de maneira imbricada ou correlata. Um texto célebre como o *Manifesto Ciborgue* de Donna Haraway (1985) deixa claro o alcance dessa interpenetração desde as primeiras linhas, ao definir-se como “mito político irônico, fiel ao feminismo, ao socialismo e ao materialismo”, porque evoca a potência desestruturante e reestruturante da noção de ciborgue, “criaturas simultaneamente animais e máquinas, que povoam mundos ambigualmente naturais e manufaturados (*crafted*)” (HARAWAY, 1985, p. 291): o antigo conceito de humano se confunde cada vez mais sinteticamente com o animal e o maquinico, a ponto de se tornarem todas essas noções indiscerníveis. Essa ambiguidade está no cerne de reflexões filosóficas sobre a técnica, numa linhagem que vai de André Leroi-Gouhan a Bernard Stiegler, com um eixo capital ocupado por Simondon, conforme Massumi.

A contemporânea filosofia da mente, conforme os debates entre Daniel Dennett, Colin McGinn e outros, também explicita a obsolescência de toda ontologia que seja incapaz de incorporar o problema do trans-humano e mesmo do pós-humano, em um período que tende a apreender o funcionamento da mente e do cérebro como processamento de dados, computação, ato de codificar e decodificar. A perspectiva evolucionista se soma à questão do código do ponto de vista da velocidade e do poder desse



processamento. O filósofo João de Fernandes Teixeira (*in*: VIANA, 2011, sem página) afirma que “o ser humano produziu a civilização, que passou a reduzir a possibilidade de seleção natural. Por isso, o corpo humano e, em especial, o cérebro não podem mais mudar radicalmente”, e, portanto, a técnica está no centro de toda possibilidade evolutiva futura, através do conceito de parabióse: “já vivemos acoplados a máquinas, mas a parabióse será um outro passo, quando introduzirmos de forma mais efetivas máquinas no nosso corpo, especialmente no nosso cérebro, para que ele se torne mais poderoso”. (*in*: VIANNA, 2011, sem página)

Na descrição de Massumi, todas essas tendências contemporâneas colocaram no centro da reflexão filosófica o problema de como investigar a relação entre corpo e dispositivo técnico, entre a fixidez do ser e o devir da evolução técnica.

[Nas diversas correntes universitárias americanas dos anos 1990], para muitos, o que estava em jogo era a alvorada de uma era pós-humana. Outros zombavam do tom milenarista. Mas os campos opostos se encontravam no pressuposto de que o que estava em jogo dizia potencialmente respeito à própria natureza do humano e às condições sob as quais ela muda, ou seja, como *devimos*. A tecnologia passava a ser vista como um fator constitutivo na vida humana, e, com a biotecnologia, na própria vida. A questão da tecnologia era agora diretamente uma questão da constituição do ser. Em uma palavra, ontologia.” (MASSUMI, 2009, p. 37)

A mesma demanda por uma reorientação simultaneamente epistemológica e ontológica, conforme a descrição de Massumi, encontra-se nas discussões tecno-sociológicas de Laymert Garcia dos Santos no mesmo período, em que a questão tecno-biológica aparece em toda clareza como uma questão da constituição do ser, de sua determinação e de sua gênese. O sociólogo revela a inseparabilidade e a distinção dos diversos campos do saber e da práxis social afetados pela imbricação entre a técnica e a ontologia do humano. O avanço tecnológico, afirma Garcia dos Santos (GARCIA DOS SANTOS, 2003a), comandado por um imperativo econômico (e poderíamos acrescentar, mais do que econômico, especificamente financeiro), deixa o Direito a reboque, apenas reagindo e adaptando-se à implosão de suas categorias mais tradicionais, como indivíduo, família, morte, vida, etc. Não se trata simplesmente de uma reconfiguração dos modos de funcionamento das sociedades nas quais se inserem sujeitos humanos plenamente individuados, mas de reconfigurações do próprio modo de existência do humano, ou seja, as afecções que estruturam o transindividual, isto é, a individuação em coletividade do psicossomático. Garcia dos Santos sintetiza o estado da reflexão sobre a técnica e o humano:

Seria o caso (...) de indagar se o avanço da tecnociência já não tornou obsoletos os critérios que balizavam a concepção moderna do homem. Dentro das Ciências Humanas vem crescendo o número de vozes que expressam essa ruptura: filósofos, sociólogos, juristas, antropólogos, psicanalistas e críticos vêm apontando a crise e discutindo o sentido da transformação, às vezes num tom sombrio, outras, procurando entender a situação criada, e finalmente tentando mapear as coordenadas a partir das quais traçar a nova configuração do homem e da espécie. E embora muitos deles descartem, com razão, o determinismo tecnológico, o fato é que a tecnociência e seu aliado, o capital globalizado, desconstroem através das tecnologias digitais e genéticas tanto as concepções tradicionais quanto a concepção moderna do homem. (GARCIA DOS SANTOS, 2003b, p. 265)

Perante as dificuldades impostas por uma tecnologia que se revelava como evidência incontornável, diz Massumi, a academia descobriu que a obra de Simondon já trazia grande parte dos problemas formulados desde os anos 1950, e com uma doutrina capaz de orientar a investigação daí por diante. Simondon é o autor que afirma, já em meados do último século, que a organização em rede dos objetos e conjuntos técnicos corresponde ao momento em que “o mundo está tecnicizado” (SIMONDON, 2005b, p. 86), isto é, o sujeito político e social devém em um meio associado que não pode ser meramente descrito como natureza, mas como meio tecno-geográfico. Em toda rede técnica, o problema é simultaneamente social e político, porque o social e o político determinam-se, conforme veremos, por meio de uma abertura para o coletivo não-individuado, transindividual, cujo devir é indissociável da técnica.

É também Simondon quem denuncia a ilusão dos autômatos, afirmando que a automatização é um grau baixo de perfeição técnica e corresponde ao desejo de dominação por meio da transformação do pensamento e do desejo em maquinismo, desejo que culmina na fantasia dos robôs e ressoa com a noção de que o funcionamento cerebral, mais do que um vetor de afetos, seria uma potência computacional. Retornaremos a esse ponto adiante. Por enquanto, cumpre apresentar um ponto chave no projeto

de Simondon: para contornar aquilo que denuncia como um divórcio entre a cultura e a tecnicidade no humano, o filósofo francês afirma que “a filosofia deve retomar à gênese da tecnicidade”. (SIMONDON, 1958, p. 158)

As poucas publicações em vida de Gilbert Simondon vieram a público na França em um período em que a questão tecnológica deixava de ser apreendida segundo uma perspectiva de sintoma; Simondon escreve após os textos de Benjamin a respeito da aniquilação do corpo singular entregue à máquina da guerra (*Experiência e Pobreza*), a substituição do culto pela exposição na arte (*A Obra de Arte na Era de Sua Reprodutibilidade Técnica*) e a reconfiguração da visão como experiência na modernidade (*Pequena História da Fotografia*). Escreve também depois da denúncia de aperfeiçoamento da dominação por Adorno e Horkheimer (*Dialética do Esclarecimento*) e do modo formalizado, emoldurado, de vir ao mundo que se representa no *Ge-stell* em Heidegger (*A Questão da Técnica*). No texto de Simondon, a falha trágica da relação do humano com a técnica, que leva à alienação e à escravização recíproca do humano e do técnico, consiste em extirpar, como na concepção clássica, a técnica da cultura. Esse gesto constitui a exclusão de uma dimensão constitutiva do modo de estar no mundo do humano, tão indelével quanto a espiritualidade, a estética e o pensamento reflexivo.

Este texto argumenta que, a partir de Simondon, pode-se mostrar que a técnica deve ser entendida como modo de configuração de existência humana, dotada de um regime de individuação que lhe é característico. Como consequência, o entendimento da relação com o trabalho como ação humana no mundo, o próprio objeto técnico e as configurações sociais e políticas correlatas à configuração técnica também são afetadas pela perspectiva apresentada por Simondon. Reconhecendo que a técnica como afecção do humano no mundo permeia grande parte das narrativas da individuação na filosofia ocidental, conforme argumenta Simondon, a argumentação a seguir sugere também formas de empregar as teses do filósofo francês para responder às questões levantadas por Massumi e Garcia dos Santos.

## 2. TECNO-LOGIA NO PENSAMENTO OCIDENTAL

Gilbert Simondon afirma a proximidade e mesmo a analogia do problema da técnica e da individuação, problema capital em qualquer doutrina ontológica. Com efeito, a técnica invade o pensamento filosófico radicalmente a partir do momento em que Simondon afirma que a metafísica, em suas principais doutrinas da individuação, o hilemorfismo e o substancialismo, é desde o início contaminada por um raciocínio de inspiração social e tecno-lógica: desde Aristóteles e Demócrito, o pensamento do ser seria, portanto, tributário da concepção de um mundo social e político, construído a partir de uma concepção velada da individuação técnica (tecnicidade) ou, inversamente, do esforço para purificar o pensamento da contingência presente nesse mesmo mundo e nos modos de o constituir.

Assim, o hilemorfismo, Simondon afirma, reflete a mentalidade de um modo de produção escravista em que a forma (*morphè*) ou ideia (*eidos*) é concebida por alguém que não é o executor e desconhece as particularidades dinâmicas da matéria (*hylè*); disso resulta o esquecimento da relação energética no sistema formado pelo molde e a massa, as estruturas internas do material físico e o modo como a ideia deve adaptar-se a ele, negociando com ele, para poder resultar em um objeto terminado, ou seja, individuado, dotado de estruturas estáveis e coesas. O esquema hilemórfico, segundo Simondon, falha ao escamotear os “dinamismos fundamentais” da individuação.

A força lógica desse esquema é tal que Aristóteles pôde utilizá-lo para sustentar um sistema universal de classificação que se aplica ao real tanto pela via lógica quanto pela via física, assegurando assim o acordo da ordem lógica e da ordem física, e autorizando o conhecimento indutivo. A própria relação da alma e do corpo pode ser pensada segundo o esquema hilemórfico. Uma base tão estreita quanto aquela da operação tecnológica parece dificilmente poder sustentar um paradigma dotado de tamanha força de universalidade. Convém, portanto, para examinar o fundamento do esquema hilemórfico, apreciar o sentido e o alcance do papel exercido em sua gênese pela experiência técnica. (SIMONDON, 2005a, p. 39)

Simondon prossegue demonstrando que o caráter tecno-lógico de um esquema de pensamento não invalida o esquema, contanto que a operação técnica concreta que está na base do esquema abstrato se transfira para este último sem alterações que a adulterem. Não é o caso do esquema hilemórfico, porque somente uma *operação* técnica efetiva pode instituir uma mediação (SIMONDON, 2005a, p. 40) entre a massa indeterminada e a ideia do objeto pronto (o exemplo de Simondon é o tijolo). Mesmo



a operação que produz o tijolo não é suficiente, porque envolve outras operações anteriores, como a preparação da argila e a fabricação do molde. Ademais, o molde não age dando forma à argila, mas limitando e estabilizando a dinâmica da própria argila enquanto ela atravessa a secagem, de tal maneira que (SIMONDON, 2005a, p. 42) “a matéria é matéria porque possui uma propriedade positiva que lhe permite ser modelada” e, com isso, “a operação técnica é *mediação* entre um conjunto interelementar e um conjunto intraelementar”.<sup>1</sup> O que se encontra na operação técnica não é uma matéria e uma forma, mas um nível comum de existência entre o molde e a massa, que é a *força*. O esquema hilemórfico, porém, nega à matéria uma dinâmica energética quando a considera simplesmente um receptáculo da forma, onde Aristóteles identifica a substância.

No sentido inverso, a perspectiva substancialista, segundo Simondon, expressa um desejo de estabilidade para doutrinas filosóficas através da vinculação entre a física e a ética, seja pela expansão da substância ao todo do ser (casos de Parmênides e Spinoza), seja pela fragmentação atomística de Demócrito e Lucrecio. A construção humana da cidade e da ética, com isso, é dispensada em nome de uma compreensão de princípios estáveis advindos da natureza para o comportamento humano, tanto individualmente como coletivamente. A arte política (*technè politikè*) de Platão e Aristóteles desaparece por trás do ajustamento ao natural. Assim, para Simondon, referindo-se a doutrinas que denomina substancialistas:

Um traço notável da relação entre a filosofia e a física entre os antigos é que a conclusão ética já está pressuposta no princípio físico. A física já é ética. Os atomistas definem necessariamente sua ética em sua física quando fazem do átomo um ser substancial e limitado, atravessando sem se alterar diferentes combinações. (SIMONDON, 2005a, p. 99)

A sabedoria e a prudência necessárias para a ação ética consistem, para o composto que é o humano vivente, em conhecer aquilo que é mais fundamental que ele. No atomismo, isto é o simples. Embora o composto humano não possa atingir a substancialidade, que está reservada ao ser físico, o que ele pode fazer é tão somente afastar-se de ações e relações destrutivas, isto é, que o dirijam ao não-ser, ao pensamento da morte. No sentido inverso, o estoicismo substancializa o todo e a individuação aparece como obra do “fogo semente” (*pyr spermatikon*), de modo que a ética, no nível humano, consiste em dirigir a vida para um acordo com o todo. Epicuristas e estóicos, portanto, buscam a individualidade nos extremos do ser, o átomo ou o cosmo: “o átomo e o cosmo são absolutos em sua consistência porque são os termos extremos daquilo que o homem pode conceber” (SIMONDON, 2005a, p. 100).

A ação do homem está excluída do processo individuante de maneira simetricamente inversa ao que ocorre no hilemorfismo aristotélico, segundo Simondon, pelo fato de que a concepção contingente e imperfeita desse ente intermediário (entre o átomo e o cosmo) é incapaz de produzir algo que incremente o ser, senão que o torne mais imperfeito. O agenciamento, a técnica, a disputa estão excluídos do pensamento ontológico. O resultado disso aparece na suposição de Simondon:

Talvez seja preciso ver nessa busca de um indivíduo absoluto, exterior à ordem humana, uma vontade de busca não submetida a preconceitos que provenham da integração do homem ao grupo social; a cidade fechada é negada nessas duas descobertas do indivíduo físico absoluto: por redobramento sobre si próprio no epicurismo, por ultrapassagem e universalização no estoicismo do civismo cósmico. (SIMONDON, 2005a, p. 100)

As paixões, as disputas, a criação e o engenho, tudo isso é excluído da reflexão do ser, de modo que o sábio de Epicteto, Epicuro e Lucrecio se encaminha para a autarquia e a ataraxia (*autarkês kai apathês*): como parte do todo, o homem deixa-se e busca ativamente deixar-se absorver pelo todo. É um todo substancialista, absoluto e estável, contrário a todo processo de produção que possa considerar-se técnico.

As críticas de Simondon às duas grandes narrativas metafísicas da individuação visam à postulação de um pensamento relacional, ou seja, aquele que confira à relação um “valor de ser” (SIMONDON, 2005a, p. 32), de modo que os indivíduos (*to dé ti*) sejam tomados como termos de uma realidade que os ultrapassa, isto é, uma individuação caracterizada pela polarização do indefinido originário (*apeiron*)<sup>2</sup>. Para fins desta investigação, entretanto, o que deve ser retido dessas críticas é a explicitação das tentativas de enxugar o discurso ontológico de seus fundamentos sociais e tecno-lógicos, no esforço de estabelecimento de uma pura ciência do ser enquanto ser, a partir das condições da ciência e do discurso pertinentes ao homem enquanto individuado, isto é, no vocabulário de Simondon, enquanto termo da relação.



Ora, Simondon argumenta, no sentido inverso, não apenas que a técnica e os objetos técnicos são dotados de realidade humana e constituem um regime do saber, isto é, são eles mesmos realidade humana, como o modo de pensar epistemológico capaz de capturar a individuação (a ontogênese) deve existir sob um regime de analogia com a mentalidade técnica, a individuação do conceito sendo transdutiva como a individuação psicossocial e técnica (transindividual). Assim, ao tratar do puro ser com uma escamoteada perspectiva tecno-lógica – e as discussões de Aristóteles sobre a causa eficiente, na *Metafísica* e na *Física*, estão repletas de referências à fabricação de estátuas e camas –, o que sobre o que o esquema hilemórfico silencia é a individuação do próprio pensar como ato de produção e de criação, como gesto inventivo.

Como consequência, Simondon apresenta um vínculo estreito entre o pensamento do ser, incluindo a relação e pensando-se não como ontologia, mas como ontogênese, e as reflexões sobre a técnica, notadamente o objeto técnico, de modo que o problema da técnica deixa de ser o problema de uma prótese entendida como adição a um humano tomado como substância, perante uma natureza externa ela mesma tomada substancialmente. Também deixa de ser a questão de um determinante social, econômico e político da humanidade tomada como ponto de partida estático, conforme aparece nas reflexões de Marx sobre as relações entre o trabalho morto encarnado no capital fixo das máquinas e o trabalho vivo contratado em troca de salário. Efetivamente, o problema do trabalho tem grande importância nos textos de Simondon sobre a técnica, conforme veremos adiante.

### 3. TÉCNICA E MODO DE EXISTÊNCIA

É a partir dessa ruptura com o substancialismo e o hilemorfismo que Simondon desenvolve seu conceito de *tecnicidade*, definida como “uma das duas fases fundamentais do modo de existência do conjunto constituído pelo homem e o mundo” (SIMONDON, 1958, p. 159). É importante compreender o conceito de *fase* em Simondon, tomado emprestado à física para designar um determinado estado estrutural produzido pela travessia de um patamar energético (o gelo, a água e o vapor sendo três fases da mesma matéria, por exemplo), isto é, uma resolução metaestável para um estado de potenciais anterior. Dada uma configuração da realidade – física, biológica, psicossocial –, a fase é uma *afecção* dessa realidade, em que se verificam formas estruturais correspondentes a operações de *defasagem* (dediferenciação) que as instituem.

Portanto, dizer da tecnicidade que ela é uma *fase* do modo de existência do humano em seu mundo implica em fazer da técnica o vetor de uma afecção do vivente psicossocial, dos corpos que se individualizam psicologicamente e coletivamente, produzindo estruturas de sobrevivência e inter-relação (este termo traduz o francês *rapport*, por oposição a *relation*, reservado por Simondon para a relação imanente entre a forma individualizada e seu meio associado), mediante construções técnicas, tanto mentais quanto em objetos físicos, que prolongam seu ser e contêm uma realidade humana como um todo.

A tecnicidade e os demais modos de existência são afecções do sistema formado por corpo, psique, coletivo e mundo. Nesse sistema, o corpo é meio associado para a psique tanto quanto o mundo para o corpo. O gesto pelo qual Simondon coloca a tecnicidade no centro do pensamento do humano está inserido no gesto maior pelo qual Simondon coloca a individuação no centro da reflexão filosófica, tratando da ontogênese em lugar da ontologia do ente individualizado. Portanto, fica evidente que a questão da tecnicidade é ela mesma uma questão de individuação e é nesse sentido que se trata de uma afecção do modo de existência humano, enquanto vivente psicossocial. O psicossocial (ou transindividual) é um processo de individuação que ocorre no interior da individuação vital, como prolongamento da individuação vital, desaceleração da entropia que poderia fazer do vivente um indivíduo físico, mero resíduo de individuações passadas e completas. O transindividual é afecção da vida, portanto. Ora, a própria vida é afecção da individuação física, incorporando individuações internamente, tornando-se *teatro de individuações*, mantendo-se incompleto para resguardar seus potenciais. Do ponto de vista da individuação vital, Simondon afirma que:

As categorias de indivíduos cada vez mais complexos, mas também cada vez mais incompletos (*inachevés*), cada vez menos estáveis e autosuficientes, necessitam, como meio associado, de camadas de indivíduos mais completos (*achevés*) e mais estáveis. Os vivos têm necessidade para viver de indivíduos físico-químicos; os animais precisam dos vegetais, que são para eles, no sentido próprio do termo, a Natureza, como, para os vegetais, os compostos químicos. (SIMONDON, 2005a, pp.152-3)



Os regimes de individuação, portanto, apoiam-se uns nos outros, de maneira que os regimes considerados mais complexos são aqueles que guardam mais indeterminação, mais *metaestabilidade*.<sup>3</sup> No regime transindividual, a questão da relação do indivíduo indeterminado e metaestável com objetos externos e mais perfeitos se torna particularmente crucial, pelo fato de que a inventividade técnica implica a produção de novos objetos, que prolongam e resolvem as tensões da relação entre o indivíduo psicossocial e o mundo como intermediários, mas também como indivíduos dotados de interioridade própria igualmente crescente.

Os objetos externos, portanto, participam ativamente da dediferenciação das fases no transindividual. “O fato de que existe um caráter orgânico do pensamento e do modo de estar no mundo obriga a supor que a gênese dos objetos técnicos possui uma reverberação sobre as outras produções humanas, sobre a atitude do homem face ao mundo”, escreve Simondon (SIMONDON, 1958, p. 154). Para compreender a gênese dos objetos técnicos como realidade humana, portanto:

(...) A gênese que engendra objetos não é talvez somente gênese de objetos, e mesmo gênese de realidade técnica: ela vem talvez de mais longe, constituindo um aspecto restrito de um processo mais vasto, e continua talvez a engendrar outras realidades após ter feito aparecer os objetos técnicos. É, portanto, a gênese de toda a tecnicidade que seria necessário conhecer, aquela dos objetos e aquela das realidades não objetivadas, e toda a gênese implicando o homem e o mundo, de que a gênese da tecnicidade talvez não seja senão uma ínfima parte, ladeada e equilibrada por outras gêneses, anteriores, posteriores ou contemporâneas, e correlativas àquelas dos objetos técnicos. (SIMONDON, 1958, p. 154)

Com efeito, Simondon desenvolve longamente uma teoria sobre a dinâmica das dediferenciações das fases, a partir de um modo originário, mágico, uma primeira abertura espiritual para o transindividual (ou seja, a individuação psíquica e coletiva), em que o mundo externo ainda não está segregado em objetos ou objetividade, mas experimentado apenas como meio, e pelo qual se espalha uma rede privilegiada de pontos de troca entre o humano e o meio, “como se toda a potência de agir do homem e toda a capacidade do mundo de influenciar o homem se concentrassem nesses lugares e nesses momentos” (SIMONDON, 1958, p. 164). Pertencem a esse modo as datas comemorativas e os feriados, os locais habituais para passar as férias, os pontos de reunião urbana, os monumentos naquilo que possuem de místico.

A tecnicidade, ao segregar objetos individuados, produz uma objetividade autônoma, correlata de uma subjetividade igualmente autônoma que aparece para Simondon como definidora da religiosidade. Os pontos chave se autonomizam sob a forma de ferramentas e instrumentos, mas o fundo reticulado adquire o aspecto de transcendência universalizante, ou seja, a particularidade das formas técnicas age perante um fundo obscuro de transcendência. “Esta defasagem da mediação em caráter figural e de fundo traduz a aparição de uma distância entre o homem e o mundo; a própria mediação (...) se objetiva na técnica e se subjetiviza na religião, fazendo aparecer no objeto técnico o primeiro objeto e na divindade o primeiro sujeito” (SIMONDON, 1958, p. 168).

Novas defasagens, que articulam a subjetividade e a objetividade, o universal e o particular, o técnico e o religioso, formam correlativamente, mais do que sucessivamente, no sistema de Simondon, os modos estético, filosófico, científico e de moral prática. “Após a elaboração do mundo natural, o pensamento técnico se voltou para a do mundo humano, que analisa e dissocia em processos elementares, depois reconstrói segundo esquemas operatórios”, afirma (SIMONDON, 1958, p. 214). “A essas técnicas do mundo humano correspondem tipos de pensamento que portam também sobre o mundo humano, mas tomado em sua totalidade” (SIMONDON, 1958, p. 214). As técnicas do humano são análogas às técnicas do mundo, da mesma forma como “os modos de pensamento que assumem a função de totalidade (...), que são os grandes movimentos políticos de alcance mundial, são análogos funcionais das religiões” (SIMONDON, 1958, p. 214). Trata-se de novos desdobramentos da unidade mágica originária.

A descrição detalhada de cada fase descrita por Simondon não é objeto deste artigo, porém é importante ressaltar o fato de que cada uma dessas dediferenciações consiste também em uma individuação no campo psicossocial, produzindo esquemas de conduta, sistemas de interpretação do passado e do futuro, modos de relação à finitude e à transcendência, rituais ligados à angústia de possuir uma psique individuada que não basta a si própria, que não coincide consigo mesma, que postula sua própria transcendência e encontra resoluções para suas tensões e seus potenciais numa realidade que a ultrapassa e é seu meio associado.

Portanto, é evidente que a tecnicidade não pode ser entendida simplesmente como uma extensão do humano, ou mesmo como uma faculdade da mente inventiva humana. A tecnicidade é um regime de individuação a título completo, porque resolve em normatividade, ou seja, em esquemas formalizados e iteráveis de conduta e de postura, uma ou diversas problemáticas da relação, isto é, do sistema formado pelo transindividual com o mundo e o corpo, a individualidade e a coletividade, a finitude e a sensação da duração.

### 3.1. OBJETO E IMAGEM

No interior dessa doutrina, muitas vezes é esquecido o papel correlato dos objetos técnicos, entendidos como esquemas funcionais, e outros objetos, imagens e conceitos também pertinentes aos regimes do transindividual. A filosofia da técnica de Simondon não constitui simplesmente uma reflexão sobre máquinas, ferramentas e instrumentos, mas sobre a constituição global das afecções do regime do transindividual, isto é, dos modos de relação do humano com seu meio associado, seu mundo: a “gênese da tecnicidade”. Todos esses modos do humano operam mediante a constituição de objetos, esquemas intermediários, prolongamentos do ser, suplementos. Esta é a perspectiva no interior da qual Simondon afirma que:

A individuação de objetos não é inteiramente independente da existência do homem; o objeto individuado é um objeto individuado para o homem: há no homem uma necessidade de individuar os objetos que é um dos aspectos da necessidade de se reconhecer e de se identificar (*retrouver*) nas coisas, e de se identificar nelas como ser que tem uma identidade definida, estabilizada por um papel e uma atividade. A individuação dos objetos não é absoluta; ela é uma expressão da existência psicossocial do homem. (SIMONDON, 2005a, p. 60)

Se o humano se *reconhece* e se *identifica* naqueles objetos que ele mesmo individua, é porque, no pensamento de Simondon, a atividade do ser psíquico é inseparável da externalização de sua própria relação psicossomática no mundo como meio associado, ou seja: “o sujeito pode ser concebido como a unidade do ser que representa para si próprio sua ação através do mundo como elemento e dimensão do mundo” (SIMONDON, 2005a, p. 29). A partir do momento em que entra em ação a invenção no objeto externo, necessariamente o ser psíquico já contém este objeto enquanto elemento de seu próprio modo de existência no mundo. O objeto não se acresce a ele, o objeto o constitui e o sistema formado por ele e o mundo é que é prolongado, dediferenciado. A diferença dessa formulação para o esquema hilemórfico é de importância capital para entender a evolução da tecnicidade conforme descrita por Simondon e consiste na ideia de que o objeto inventado, individuado, incorpora como ressonância interna as dinâmicas já presentes no meio externo e no sujeito psicossomático: ele resolve porque introjeta, por meio da estruturação individuante, essas dinâmicas, esses potenciais. Na formulação de Jean-Yves Chateau:

Dizer de um objeto técnico que ele é um indivíduo consiste em dizer que ele não é, na mediação entre o usuário e o meio em que ele é aplicado, uma simples transferência de forças físicas (como o seria um simples gesto), mas que ele é a fixação material (a “cristalização”) de um gesto ou de um procedimento eficazes; em suma, que ele existe em certa medida para si próprio, que ele tem propriedades próprias. (CHATEAU, 2008, p. 85)

É nesse sentido que se deve entender a afirmação de que a individuação do objeto não é absoluta, isto é, não se encerra em si mesma e não produz um indivíduo físico puro, senão que objetifica, cristaliza e expressa a existência psicossocial do humano. O objeto técnico tem propriedades próprias porque uma certa relação ao mundo passa através dele, ele é em si próprio um componente do transindividual, não a título subsidiário, mas cada vez mais a título pleno. Em si e para si, o objeto não é, ou não seria, senão resíduo, como o puro indivíduo físico que dá testemunho de uma individuação passada e inteiramente esgotada. Uma ferramenta obsoleta, cujo uso foi há muito esquecido, o código de leis e o sistema monetário de um povo do passado, a normatividade moral de poucas gerações atrás, são exemplos de gestos concretizados que perderam sua concretude por não participarem mais de um sistema de gestos, potenciais e resoluções. São imagens e objetos que deixaram de pertencer ao regime do transindividual senão como monumentos para o estudo e a projeção de interpretações realizadas pelos indivíduos que constituem o transindividual em sua configuração corrente.

Sendo a tecnicidade e o objeto técnico uma afecção da existência psicossocial, assim como a religiosidade



e a imagem sagrada, a estética e o objeto artístico, a mágica e os pontos chave místicos, a filosofia e o pensamento reflexivo, então o sistema formado pelos elementos, indivíduos e conjuntos técnicos são, tomados em conjunto, a manifestação de uma normatividade nas afecções correntes de uma configuração transindividual. Portanto, a tecnicidade insere-se no seio dos eixos do corpo vivo e da psique, isto é, torna-se indispensável para a compreensão dos fenômenos ligados ao eixo de percepção e ação e ao eixo de afetividade e emoção. “A diferença essencial entre a simples vida e o psiquismo consiste em que a afetividade não exerce o mesmo papel nos dois modos de existência”, afirma Simondon (SIMONDON, 2005a, p. 165), ao introduzir a individuação psíquica como novo desdobramento e nova desaceleração da entropia no sistema do indivíduo vital. A diferença na atuação da afetividade se explica pelo fato de que:

Quando a afetividade não pode mais intervir como poder de resolução, quando ela não pode mais operar essa transdução que é uma individuação perpetuada no interior do vivo já individuado, a afetividade abandona seu papel central no vivo e se situa (*se range*) próxima às funções perceptivo-ativas; uma problemática perceptivo-ativa e uma problemática afetivo-emocional preenchem então o vivo. (SIMONDON, 2005a, p. 165)

Simondon descreve a formação de uma “estrutura triádica das funções perceptivas, ativas e afetivas” (SIMONDON, 2005a, p. 166) que, em estado de supersaturação, torna-se insuficiente para encontrar os esquemas de resolução metaestáveis os potenciais presentes em sua relação com o meio associado. O psiquismo é, portanto, um novo regime de individuação que se superpõe a essa tríade, prolongando-a, desacelerando os “dinamismos vitais” em seu processo entrópico, recorrendo à “carga de pré-individual”, isto é, à realidade não individuada, que permanece a cada etapa dos regimes de individuação. “Não devemos ficar surpresos de encontrar na base da vida psíquica motivações puramente vitais: mas devemos observar que elas existem a título de problemas e não de forças determinantes ou diretivas”, afirma (SIMONDON, 2005a, p. 166).

Do ponto de vista epistemológico, percebe-se facilmente como a operação que apreende o regime do transindividual é estritamente correlacionada com a operação que apreende a individuação psíquica e a biológica, de modo a assegurar a coerência interna do sistema de Simondon:

(...) entrar na via da individuação psíquica obriga o ser individuado a ultrapassar-se; a problemática psíquica, clamando por realidade pré-individual, resulta em funções e estruturas que não se completam no interior dos limites do ser individuado vivente; se chamamos de indivíduo o organismo vivo, o psíquico resulta em uma ordem de realidade transindividual; de fato, a realidade pré-individual associada aos organismos vivos individuados não está recortada como eles e não recebe limites comparáveis àqueles dos indivíduos vivos separados; quando essa realidade é apreendida em uma nova individuação (...), ela conserva uma relação de participação que liga cada ser psíquico aos outros seres psíquicos; o psíquico é transindividual nascente. (SIMONDON, 2005a, p. 166)

É importante observar a progressão rumo a uma maior indeterminação e uma maior dependência de individuações perpetuadas no interior da própria vida como um todo, articulando o mundo de modos progressivamente mais reticulares; a individuação psíquica e coletiva constitui-se em transindividual no prolongamento dessa tendência, ao promover a reticulação de uma estreita relação entre corpos e objetos, individuações infinitamente retomadas e prolongadas sobre objetos concretizados. Para Simondon, a individuação psíquica é a entrada em uma via provisória, porque o ser vivente, ao buscar novamente na natureza associada os potenciais que produzirão novas individuações, encontra aí uma realidade povoada por outros seres psíquicos dotados da mesma carga de indeterminação, dos mesmos potenciais não resolvidos que necessitam da volta ao pré-individual para individuar-se psiquicamente. A vida psíquica “vai do pré-individual ao coletivo” (SIMONDON, 2005a, p. 167), afetando assim globalmente o modo de existência dos corpos que atravessam individuações psíquicas.

É essa travessia entre o pré-individual, o vital, o psíquico e o coletivo que se constitui por meio das fases descritas acima. O gesto prolongado pelo objeto técnico, pela crença religiosa, pelo código moral ou jurídico, pela atividade econômica, pelas grandes narrativas sociais e históricas, é o gesto de resolução em estruturas externas, coletivas, das tensões inerentes ao psiquismo perante o sistema metaestável formado entre o meio associado e os corpos. O social aparece, assim, como individuação plena da metaestabilidade presente no transindividual, isto é, na abertura somato-psíquica a um coletivo indeterminado, mas dotado de potências para devir e individuar-se em sistemas. A respeito das técnicas de organização social,

Simondon detalha a questão do prolongamento dos sistemas através de objetos, perceptos e conceitos (para empregar a terminologia de Deleuze, que foi leitor de Simondon), descrevendo-o como uma atividade técnica que se exerce não mais apenas sobre o mundo, mas sobre o próprio humano:

Como as antigas técnicas e as antigas religiões, que provinham da ruptura da reticulação mágica do mundo natural, as técnicas humanas e os pensamentos políticos procedem opondo-se uns aos outros; as técnicas operam sobre o homem por meio de objetos figurais, pluralizando-o e estudando-o como cidadão, como trabalhador, como membro de uma comunidade familiar; são justamente os elementos figurais que retêm essas técnicas (...); elas transformam as atitudes em elementos estruturais (...). Os pensamentos sociais e políticos, em vez de analisar o homem, classificam-no, e o julgam, fazendo-o entrar nas categorias definidas por qualidades e forças de fundo (...). (SIMONDON, 1958, p. 215)

Essa relação entre tecnicidade, grandes sistemas de pensamento, invenção de objetos, imagens e conceitos e o retorno da ação sobre o próprio humano reconduz o raciocínio de Simondon sobre a tecnicidade para a questão da imbricação entre o pensamento sobre o humano e o pensamento sobre a técnica em tempos de trans-humanismo e pós-humanismo. É importante, somente, observar que Simondon completa seu pensamento sobre a evolução da tecnicidade e dos objetos técnicos, concluindo que o conceito de *rede*, isto é, do grande conjunto de objetos técnicos inter-relacionados e funcionando de maneira integrada, com a participação do humano apenas em terminais de controle, é aquele em que se opera um retorno da tecnicidade sobre a própria natureza. Esse retorno é o único momento em toda sua obra que Simondon emprega a denominação de *dialético*, sinalizando uma separação da técnica como negação do mundo. Assim, Simondon pode afirmar que a técnica tornada reticular é um momento em que ela se estende para o mundo como um todo, a ponto de fundir-se com ele, na forma de um retorno.

A esse nível da tecnicidade, a integração entre vida, mundo e técnica tende à síntese e à indiscernibilidade, porque o mesmo meio em que a individuação psíquica vai buscar reserva de indeterminações para individuar-se continuamente é um espaço habitado por outras individuações psíquicas, envolvidas em outros prolongamentos de gestos por meio de imagens e objetos, relacionando-se no mesmo plano com a natureza, os demais corpos e sua própria subjetividade. Simondon cita as cidades, com suas multiplicidades de redes de abastecimento e manutenção. Cita também as minas, que penetram pelos territórios e pelas paisagens com sua antiga tecnicidade que perfura e recolhe materiais para complexos industriais ligados a sistemas econômicos e jurídicos. “Assim se constituem certos pontos chave (*hauts lieux*) do mundo, natural, técnico e humano; é o conjunto, a interconexão desses pontos chave que faz esse universo politécnico, ao mesmo tempo natural e humano; as estruturas dessa reticulação se tornam sociais e políticas” (SIMONDON, 1958, p. 220).

Na conclusão desta argumentação, trataremos do modo como Simondon sugere à filosofia reintroduzir a técnica na sua reflexão, sob a forma daquilo que o autor nomeia uma “tecnologia geral”. Por ora, é necessário tratar da reflexão de Simondon sobre o estado corrente em seu tempo da relação entre homem e técnica, que está submetida a lógicas que lhe são estranhas, invertendo hierarquias: trata-se da lógica do trabalho e da lógica do consumo.

#### 4. TECNICIDADE E TRABALHO

Uma parte significativa do projeto filosófico de Gilbert Simondon consiste em questionar o modo como a cultura contemporânea do humano apreende a própria tecnicidade e a conclusão de sua tese auxiliar, *Modo de Existência dos Objetos Técnicos*, é amplamente dedicada ao problema do trabalho na sociedade contemporânea. Conforme veremos, segundo um dos argumentos mais frequentemente citados de Simondon, o conceito marxiano de *alienação* no trabalho, com o modo de produção industrial e capitalista, precisa ser ampliado para referir-se à alienação do homem com relação à técnica como um todo. A alienação do trabalhador, cujo trabalho singular e individual é posto à venda e explorado como força abstrata, seria, de acordo com essa perspectiva, tão-somente um caso particular. A alienação industrial e financeira à técnica enquanto modo de existência humano se refletiria, portanto, não apenas nas condições de vida da classe trabalhadora, mas também no comando predatório da relação com as máquinas (enquanto trabalho), de parte do proprietário e do administrador, e no caráter destrutivo da forma *consumo* de relação com os objetos técnicos e sociais. Simondon abre a conclusão de sua tese complementar afirmando que:

Até este momento, a realidade do objeto técnico passou a segundo plano atrás daquela do trabalho humano.

●  
●

O objeto técnico foi apreendido através do trabalho humano, pensado e julgado como instrumento, adjuvante, ou produto do trabalho. Ora, seria necessário, em favor do próprio homem, poder operar um retorno que permitisse àquilo que há de humano no objeto técnico aparecer diretamente, sem passar através da relação de trabalho. É o trabalho que deve ser conhecido como fase da tecnicidade, e não a tecnicidade como fase do trabalho, porque é a tecnicidade que é o conjunto de que o trabalho é uma parte, e não o inverso. (SIMONDON, 1958, p. 241)

O trabalho, denuncia Simondon, tornou-se uma noção paradigmática, muitas vezes definida como “essência do homem”. O filósofo argumenta que semelhante perspectiva é fruto de uma “definição naturalista” do trabalho, que é insuficiente: pensar o trabalho como exploração da natureza pela humanidade em sociedade conduz a crer que o trabalho consiste em reação adaptativa e condicionada da espécie tomada substancialmente a uma natureza tomada também substancialmente. Entretanto, vimos nas seções anteriores como Simondon faz a crítica deste substancialismo que isola as partes de uma relação uma da outra, fazendo do composto, do híbrido, um ser inferior, uma exceção, até mesmo uma adulteração do ser. Porém, se há relação entre homem e natureza no trabalho ou na tecnicidade como um todo, e se a própria relação tem “valor de ser”, então o ato do trabalho, ou seja, o gesto pelo qual uma força somática e psíquica é posta em movimento relativamente a dinamismos naturais, deve ser entendido também como afecção dessa relação entre o humano e seu meio associado (a natureza sendo meio associado, mas apenas se entendida também como o próprio mundo humano, já afetado, isto é, social e técnico); o trabalho, portanto, é uma fase da tecnicidade enquanto modo de estar no mundo, ou seja, é uma configuração possível do campo transindividual.

A partir dessa constatação, é possível compreender a afirmação de Simondon segundo a qual:

(...) o trabalho pode ser considerado como aspecto da operação técnica, que não se reduz ao trabalho. Há trabalho somente quando o homem deve dar seu organismo como portador de ferramentas, isto é, quando o homem deve acompanhar pela atividade de seu organismo, de sua unidade somato-psíquica, o desvelar etapa por etapa da relação homem-natureza. O trabalho é a atividade pela qual o homem realiza em si próprio a mediação entre a espécie humana e a natureza (...). (SIMONDON, 1958, pp. 241-2)

Ora, a concretização dos objetos técnicos, isto é, a formação de máquinas e redes dotadas de coerência interna, introduz uma nova transição fásica. Se o trabalho se resolve em hábitos e conhecimentos localizados de ação do homem com ferramentas sobre a matéria a trabalhar, a invenção do objeto técnico obriga à explicitação, do ponto-de-vista do inventor, das relações sistemáticas entre os potenciais da matéria e os potenciais dos esquemas formais. O inventor precisa entender o processo pelo qual os esquemas e a matéria entram em relação, mas é no próprio objeto que a relação e, com ela, a tecnicidade, se concretiza. Assim, “o funcionamento do objeto técnico faz parte da mesma ordem de realidade, do mesmo sistema de causas e efeitos que a operação técnica”, de modo que “o funcionamento é operação e a operação, funcionamento. Não se pode falar de trabalho de uma máquina, mas somente de um funcionamento, que é um conjunto ordenado de operações” (SIMONDON, 1958, p. 244).

No caso da máquina, como indivíduo técnico por excelência, o humano abdica de seu papel como portador de ferramentas, que passa a ser exercido pela própria máquina. O humano que não formula os esquemas técnicos, que não é o inventor, torna-se então operador da máquina e é como operador que ele exerce uma relação de trabalho com ela. A operação técnica sendo criadora de mediações entre os indivíduos e entre o coletivo e o mundo, não pertence nem ao domínio social puro, nem ao domínio psíquico, afirma Simondon: enquanto afecção do modo de estar no mundo, a técnica, com suas operações, consiste em um “misto estável de humano e de natural, contendo algo de humano e algo de natural” (SIMONDON, 1958, p. 245), uma relação que contém suas próprias leis, sua consistência.

Entretanto, “a máquina possui uma espécie de impersonalidade que faz com que ela possa tornar-se instrumento para um outro homem; a realidade humana que ela cristaliza em si própria é alienável, precisamente porque ela é destacável” (SIMONDON, 1958, p. 245). A essa mobilidade do objeto técnico concretizado, destacável e reapropriável no interior de uma rede extensa de subsistemas técnicos e sociais (incluindo sistemas como o jurídico e o econômico), junta-se o paradigma do trabalho, que conduz a pensar no objeto técnico como sendo algo utilitário, embora seu caráter utilitário não seja determinante para a essência do objeto técnico. O objeto técnico introduz “uma categoria mais vasta que a do trabalho: o funcionamento operatório” (SIMONDON, 1958, p. 247), e “por causa de seu caráter destacável, o

objeto técnico pode ser empregado como elo de uma cadeia de causas e efeitos de maneira absoluta, sem que esse objeto seja afetado por aquilo que ocorre nas duas pontas” (SIMONDON, 1958, p. 246).

Com isso, por um lado verifica-se o potencial de uma relação técnica com o objeto técnico, que é uma relação de invenção, ainda que invenção continuada, ou seja, uma relação com o objeto técnico que consiste em conhecer as mediações que ele fomenta, da mesma forma como o inventor o conhece. “Acima da comunidade social de trabalho, além da relação interindividual, que não é apoiada por uma atividade operatória, instaura-se um universo mental e prático da tecnicidade, no qual os seres humanos comunicam-se através daquilo que inventam” (SIMONDON, 1958, p. 247). Nessas condições, o objeto técnico torna-se o *suporte* e o *símbolo* da relação que Simondon nomeia *transindividual*, conforme discutido *supra*. Ora, por outro lado, se o objeto técnico, como ocorre em relações onde o paradigma está fundado sobre a noção de trabalho, “é somente utilizado, empregado, e em consequência sujeito, ele não pode trazer nenhuma informação, não mais que um livro que seja usado como cunha ou pedestal” (SIMONDON, 1958, p. 247).

Tendo produzido a distinção entre o que seria uma relação técnica e o objeto técnico como suporte de um transindividual, que coloca em relação as subjetividades humanas sem as isolar como indivíduos, à moda utilitarista, Simondon prossegue para responder à questão que lança na introdução de *Du Mode d'Existence des Objets Techniques*, a respeito da clivagem entre o conceito moderno e ocidental de cultura e a noção de técnica. Ora, a ideia de cultura que exclui a técnica é ela mesma uma alienação, da qual a alienação do trabalho não é senão um caso particular. A relação com o objeto técnico, quando é alienada, implica uma perda de individuação, tanto do lado do psicossomático, do indivíduo como do coletivo (o *transindividual*), quanto do lado do objeto técnico em si, tornado escravo ou escravizador, explorador da natureza ou destruidor de relações humanas, em vez de parte intrínseca da realidade humana em que ele, por essência, consiste. Assim, afirma Simondon:

O grupo social de solidariedade funcional, como a comunidade de trabalho, põe em relação apenas seres individuados. Por esse motivo, ele os localiza e os aliena de uma maneira necessária, mesmo para fora de toda modalidade econômica como aquela descrita por Marx com o nome de capitalismo: poderíamos definir uma alienação pré-capitalista essencial ao trabalho enquanto trabalho. Ademais, simetricamente, a relação interindividual psicológica tampouco pode pôr em relação outra coisa senão os indivíduos constituídos; em vez de pô-los em relação pelo funcionamento somático, como o trabalho, ela os põe em relação no nível de certos funcionamentos conscientes, afetivos e representativos, e os aliena igualmente. (SIMONDON, 1958, p. 248)

Para Simondon, tentar compensar a alienação do trabalho por meio de uma alienação que se lhe oponha, a alienação de um psiquismo isolado, leva ao fracasso as tentativas de pensar psicologicamente o mundo do trabalho: a alienação do trabalho não é apenas econômica, “pelo jogo da mais-valia”, de modo que “nem o marxismo, nem o anti-marxismo que é o psicologismo (...) conseguem encontrar uma verdadeira solução” (SIMONDON, 1958, p. 249), porque veem a fonte da alienação do trabalho em algum ponto exterior ao próprio trabalho. Portanto, Simondon sugere que “a noção de alienação merece ser generalizada, para que possamos situar o aspecto econômico da alienação; a alienação econômica pertenceria ao nível das superestruturas e suporia um fundamento mais implícito, que é a alienação essencial à situação do ser individual no trabalho” (SIMONDON, 1958, p. 249). O trabalho é a manifestação por excelência da alienação quando ele deixa de ser a operação singular de uma tecnicidade de fundo para tornar-se paradigma da ação humana no mundo.

A descrição que Simondon oferece de uma alienação pertinente ao trabalho como um todo, da qual a alienação do capitalismo seria um caso particular, ressoa duplamente com o estado de arte do problema da técnica na filosofia apresentado por Brian Massumi e os demais autores citados na introdução a este texto. Primeiro, pelo fato de que a própria técnica assume um papel cada vez mais incisivo nos processos individuates do corpo, do ambiente, das relações sociais, da vida. Conforme demonstra Garcia dos Santos (GARCIA DOS SANTOS, 2003 p. 229), a acelerada e violenta introdução da técnica generalizada na realidade humana, física, psíquica e social, compromete todo um sistema de noções e conceitos fundamentais da vida social humana, isto é, de seu modo de estar no mundo, ampliando o abismo conceitual entre a tecnicidade e a cultura que se deixa alienar em relação à técnica.

Em seguida, para além da própria evolução técnica, uma questão capital na articulação cultural e



filosófica da tecnicidade é a potência avassaladora que essa evolução técnica coloca em ação ao se constituir em mero vetor dinâmico para o exercício de poder, no interior da tecnicidade alienada descrita por Simondon, e em escala ampliada. Mais do que o advento de uma era pós- ou trans-humana, o tema da exploração do código genético e da destruição da diversidade biogenética aparece à luz de uma compreensão incompleta, violenta e subsumida a lógicas reificadas do gesto técnico e inventivo possível sobre o código genético.

Nesse contexto, mesmo os avanços da neurologia se tornam não relações médicas com patologias, mas instrumentos para medir e prever comportamentos de consumo, influenciando-os para benefício de uma racionalidade econômica estrita. Os ganhos de produtividade na agropecuária são empregados não para garantir o equilíbrio entre os habitantes da terra e o sistema ecológico, mas para subsumir os produtores à racionalidade contábil de corporações fabricantes de sementes estéreis. Fenômenos semelhantes são encontráveis em qualquer área da atividade técnica e econômica humana. Pelo ângulo da filosofia de Simondon, esses fenômenos são todos reflexos da alienação técnica, mais do que apenas econômica.

## 5. CONCLUSÃO: CULTURA TÉCNICA

Pode-se dizer que, na introdução a *Du Mode d'Existence des Objets Techniques*, Simondon estabelece dois objetivos. O primeiro é uma reconciliação entre cultura e técnica, superando o “humanismo fácil”<sup>14</sup> de um misonéismo que ignora a realidade “rica em esforços humanos e forças naturais” (SIMONDON, 1958, p. 9). A cisão entre cultura e técnica trata o objeto técnico e, com ele, toda a tecnicidade como realidade estrangeira, como se um modo de estar no mundo do humano pudesse ser estranho ao humano. Porém, “esse ser estrangeiro é ainda humano, e a cultura completa é o que permite descobrir o estrangeiro como humano. Também a máquina é estrangeira; a estrangeira em que há humano encerrado, desconhecido, materializado, sujeitado, mas ainda assim humano”. O segundo objetivo é descobrir o papel que pode ter a reflexão filosófica nessa reconciliação, através do desenvolvimento de um modo de pensar, ele mesmo, transdutivo, capaz de incorporar essa mediação técnica, e que seria uma “mecanologia geral” ou uma “tecnologia geral”.

No contexto em que a tecnicidade submetida ao paradigma do trabalho e da mera exploração do ambiente físico é alienada, Simondon se pergunta quem seria um personagem capaz de reintroduzir a técnica na cultura, restabelecendo o equilíbrio perdido. Dificilmente serão aqueles que trabalham diretamente com as máquinas no processo produtivo, conforme ele organizou-se na era industrial, afirma o filósofo, porque estes estão inteiramente absorvidos por uma prática do gesto técnico estereotipada, de modo que sua relação com as máquinas não é uma relação técnica, que seria caracterizada por uma “invenção perpetuada” (SIMONDON, 1958, p. 12); trata-se de uma mera relação de uso, a mesma que reciprocamente toma a máquina como escrava do humano e o humano como um corpo frágil (para retomar a expressão de Benjamin) sob constante risco de escravizar-se perante as máquinas. O proprietário ou administrador de uma empresa que põe máquinas para trabalhar, por sua vez, “cria pontos de vista abstratos sobre a máquina, julgada por seu preço e os resultados de seu funcionamento, e não por ela mesma”. (SIMONDON, 1958, p. 13) O cientista, vendo no objeto técnico “a aplicação prática de uma lei teórica” (SIMONDON, 1958, p. 13), tampouco compreende o sentido plenamente humano, social e político da tecnicidade. Simondon postula, então, um personagem capaz de operar essa “tomada de consciência”, que parece ser o apanágio de um “engenheiro de organização que seria como o sociólogo e o psicólogo das máquinas, vivendo no meio dessa sociedade de seres técnicos de quem ele é a consciência responsável e inventiva” (SIMONDON, 1958, p. 13).

Essa figura obscura de Simondon ganha contornos mais nítidos à medida que se desenvolve o conceito de tecnicidade. O conhecimento da realidade humana das técnicas, notadamente das máquinas, vai na direção oposta da “especialização dita técnica”, que “corresponde no mais das vezes a preocupações exteriores aos objetos técnicos propriamente ditos” (SIMONDON, 1958, p. 13), de modo que o “sociólogo e psicólogo das máquinas” não é nem o engenheiro de produção que garante o bom funcionamento de uma fábrica, nem o tecnófilo que crê na redenção pela via tecnológica das mazelas da humanidade. O grande escolho da especialização técnica, para Simondon, é a ilusão do automatismo, cujo personagem principal é a figura do robô, que Simondon considera mítica:

O homem que pretende dominar seus semelhantes suscita a máquina androide. Ele abdica então diante dela e lhe delega sua humanidade. Ele busca construir a máquina de pensar, a máquina de viver, para manter-se

atrás dela sem angústia, liberado de todo perigo, eximido de todo sentimento de fraqueza e triunfando mediadamente por aquilo que ele inventou. Ora, nesse caso, a máquina, tornada segundo a imaginação esse duplo do homem que é o robô, desprovido de interioridade, representa de modo bem evidente e inevitável um ser puramente mítico e imaginário. (SIMONDON, 1958, p. 10)

No limite, transformar as operações humanas em operações técnicas resulta em procurar incorporar o pensamento, o sentimento, o desejo, as pulsões, a própria vida, à racionalidade técnica alienada. Não havendo o que não possa ser quantificado e incorporado ao sistema dos códigos computáveis, o que parece desaparecer da perspectiva humana é a própria metaestabilidade preservada, que sustenta a existência dinâmica de um psiquismo e de um transindividual. A apreensão utilitarista da relação entre humano e máquina, como se se tratasse de um substancialismo da informação tratada como linguagem e linguagem por excelência, nega, portanto, o próprio dinamismo dos elementos de que trata, a máquina e a rede como indivíduos técnicos, o humano e o natural como meios associados. A individuação desprovida de metaestabilidade preservada, isto é, na qual as indeterminações e a abertura para receber germes de informação reestruturante estão ausentes, é semelhante à individuação de um objeto físico como um cristal, no exemplo de Simondon: ocorre na medida da propagação dessa informação unívoca sobre uma matéria estável e encerra-se de imediato, deixando atrás de si apenas resíduo, não uma vida, não um teatro metaestável de novas individuações.

No sentido inverso, Simondon demonstra que a recuperação do “caráter verdadeiramente geral” que a cultura perdeu passa necessariamente pela reintrodução nela da “consciência da natureza das máquinas, de suas relações mútuas e de suas relações com o homem, e dos valores implicados nessas relações” (SIMONDON, 1958, p. 13). Para Simondon, o personagem que reintroduz a técnica na cultura, além de psicólogo e sociólogo, adquire o epíteto de *tecnólogo* ou *mecanólogo*.

O aprendizado das crianças também é objeto de transformação, para que as crianças passem a entender o que é uma autorregulação do mesmo modo como conhecem fórmulas matemáticas.<sup>5</sup> Trata-se de fundar as significações do mundo cultural humano sobre as condições em que ele vive contemporaneamente, isto é, com a afecção técnica de seu modo de estar no mundo, de modo que “essa extensão da cultura, suprimindo uma das principais fontes de alienação e reestabelecendo a informação reguladora, possui um valor político e social: ela pode dar ao homem meios para pensar sua existência e sua situação em função da realidade em torno” (SIMONDON, 1958, p. 14).

O problema do descasamento entre o pensamento e a realidade técnica se torna mais urgente à medida que a tecnicidade se desenvolve em conjuntos técnicos e redes, que integram cada vez mais a internalidade dos processos técnicos a um meio tecno-geográfico em que aquilo que pertence à natureza (entendida como conceito puro) e aquilo que pertence ao transindividual deixam de poder ser imediatamente distinguidos. As tecnologias tornam-se politécnicas, sempre ao mesmo tempo mecânicas, termodinâmicas e eletrônicas, ligadas por pontos chave a um mundo do qual se tornam uma camada suplementar. Portanto, “é o conjunto, a interconexão desses pontos chave [*hauts lieux*] que torna esse universo politécnico, ao mesmo tempo natural e humano” (SIMONDON, 1958, p. 220), de modo que “as estruturas dessa reticulação se tornam sociais e políticas”. (SIMONDON, 1958, p. 220) A esta altura, o pensamento político e social que não seja capaz de incorporar o tema da técnica é manco e cego para os determinantes da vida humana, do transindividual.

É, portanto, tarefa da reflexão filosófica, para Simondon, “constituir um pensamento suficientemente desenvolvido para permitir a teorização da reticulação técnica dos conjuntos concretos” (SIMONDON, 1958, p. 220): trata-se de uma “realidade nova, ainda não representada na cultura”. Existe, afirma Simondon, “um mundo da pluralidade das técnicas que tem suas estruturas próprias, e que deveria encontrar representações adequadas a ele no conteúdo da cultura” (SIMONDON, 1958, p. 220). Isso não significa, porém, que a técnica esteja inteiramente ausente das determinações do modo de pensar na política e na sociedade, da mesma maneira como não estivera ausente dos fundamentos do esquema hilemórfico de individuação desde Aristóteles e da mesma maneira como as determinações sociais e políticas, a contingência humana, participava da formulação de doutrinas substancialistas. Porém, a mesma alienação que age sobre a concepção do trabalho como paradigma técnico age também sobre a concepção política e social:

Ao nível político, a consciência que as grandes nações têm de si próprias comporta uma representação não

●  
●

somente de seu nível técnico (o que não seria mais que uma estimação de potência), mas de sua inserção por intermédio da realidade técnica no universo atual como um todo. Uma mudança das técnicas conduz a uma modificação daquilo que poderíamos nomear a constelação política do universo: os pontos chave [points-clefs] se deslocam na superfície do mundo; o carvão é menos importante em nossos dias do que na véspera da Primeira Guerra; mas o petróleo é mais importante. Essas estruturas são mais estáveis do que as estruturas econômicas e as governam (...). O pensamento social e o pensamento político se inserem no mundo segundo um certo número de pontos notáveis, de pontos problemáticos que coincidem com os pontos de inserção da tecnicidade entendida como rede. (SIMONDON, 1958, p. 223)

Retomando a afirmação de Massumi segundo a qual os desafios que o pensamento contemporâneo enfrenta como resultado da interpenetração crescente da técnica com a política tornaram urgente o retorno a Simondon, depreende-se dessa extensa citação que essa urgência consiste no desvelamento de uma sobredeterminação que sempre esteve presente, mas soterrada por uma concepção do mundo social que negava ou adulterava a técnica. Ainda assim, como assinala Bernard Stiegler na introdução ao primeiro volume de sua trilogia *La Technique et le Temps*, a técnica “é o horizonte de todo futuro possível e de toda possibilidade de futuro” (STIEGLER, 1994, p. 11), porque, com um sentido semelhante ao de Simondon no trecho destacado acima, se há um modo de existência que é propriamente humano, ele é artefactual em qualquer configuração histórica e social; mesmo os mitos da gênese do ser humano sublinham a tecnicidade, seja na narrativa platônica de Prometeu e Epimeteu, que Stiegler toma como ponto de partida de suas reflexões, seja na sentença divina quando da expulsão do Jardim do Éden: depender de seu próprio suor para sobreviver. Assim, as estruturas técnicas de uma dada época são mais estáveis que as políticas e as econômicas, no dizer de Simondon, porque as sobredeterminam: o econômico e o político são fases, são afecções, da tecnicidade, ela mesma afecção com potência fundadora do transindividual.

A polêmica implícita com o marxismo, já visível na discussão sobre o trabalho e a alienação, é evidente neste trecho: as estruturas econômicas e políticas são lançadas para o campo das superestruturas, com um grau menos originário do que a tecnicidade, que poderia ser dita infraestrutural no vocabulário marxiano. Tal deslocamento da interpretação estrutural permite supor, também, que uma política verdadeiramente emancipatória passa não apenas por uma revolução das estruturas econômicas, ainda que entendidas como reprodução dos meios de vida, mas por uma reapropriação da técnica pela cultura humana como um todo: esse é um cavalo de batalha para Simondon.

Transformações técnicas de vulto, conforme indica o trecho citado, desencadeiam uma série de reconfigurações sociais, políticas e econômicas que são, acima de tudo, reconfigurações do campo do transindividual, isto é, uma sequência de NOVOS PROCESSOS individuantes no modo técnico de estar no mundo do homem. Esta ideia é retomada nas obras de Stiegler com o conceito de “duplo redobramento epocal” (*double redoublement épokhal*), que manifesta a dissolução e recomposição dos circuitos de individuação de uma determinada configuração de campo social, político e técnico. Dessa perspectiva de Simondon e Stiegler, o que importa reter, no âmbito desta argumentação, é a urgência de construir uma compreensão desses movimentos históricos da tecnicidade, resgatando-os de uma perspectiva alienada, que supõe a técnica como devindo a reboque da economia e da política, sendo uma fase desses subsistemas, ao invés de serem eles fases da tecnicidade.

Se a perspectiva da evolução técnica é levar a um pós-humano, o conceito simondoniano de tecnicidade sugere que esse movimento é conduzido por uma cultura que considera a técnica segundo um ponto de vista utilitário e utilitarista. A técnica como modo de existência humano permanece obscurecida por um véu. Isso não significa que a técnica, levada a seus extremos e autonomizada, necessariamente chegue a emancipar-se e superar sua alienação, quando o movimento chegar a algum estágio de esgotamento em sua capacidade de incorporar a informação individuante. Ao contrário, projeções apocalípticas como as de Bill Joy em “Why The Future Doesn’t Need Us” não são de todo fantasiosas, considerando-se o manancial de energia psicossomático que a evolução técnica alienada tem à sua disposição e o fato de que já o empregou com efeitos devastadores por ocasião das guerras mundiais no último século.

É nesse sentido que adquire urgência a afirmação de Massumi segundo a qual a reapropriação do conceito de técnica através de Simondon abre vias para pensar o modo como essa mesma evolução técnica pode ser introduzida em uma cultura integrada. Na concepção de Simondon, uma cultura técnica não alienada seria aquela em que o trabalho é em si uma atividade técnica, envolvendo a proximidade

com os modos de funcionamento da máquina, a regulação segundo as condições externas, o concerto; o uso, a que hoje nos referimos sob o nome de *consumo*, seria a extensão da fabricação, e não um mero contrato de transferência de propriedade. “Seria preciso poder descobrir um modo social e econômico em que o usuário do objeto técnico seja não somente o proprietário dessa máquina, mas também aquele que a escolhe e mantém”, escreve Simondon (SIMONDON, 1958, p. 252).

Nesse modo social, as relações inter-humanas não são organizadas segundo uma mediação econômica e de classe, mas como “seres que se exprimem no objeto técnico” (SIMONDON, 1958, p. 253). Assim, o plano do coletivo, o que não corresponde nem ao social dado, nem ao plenamente individual, é o único em que se possa *criar*, isto é, *inventar*, novos meios de organização do transindividual e uma cultura que incorpore a afecção do humano que é a técnica. O que Simondon explicita com sua argumentação sobre o hilemorfismo e as relações de trabalho e consumo é que essa tarefa é filosófica e política tanto quanto ela é técnica.

#### NOTAS

1. Simondon reinterpreta o processo de tomada de forma a partir das noções de *transdução e alagmática*, que não são objeto deste estudo. A este respeito, cf. BARTHÉLÉMY, 2008, p. 61.
2. Sobre o pensamento da relação em Simondon, cf. DEBAISE, 2002, pp. 53-68.
3. Sobre a metaestabilidade em Simondon, cf. BARTHÉLÉMY, 2008, pp. 19-23 e CHATEAU, 2008, p. 53.
4. Apoiando-se nessa fórmula, J.-H. Barthélémy demonstra que a argumentação de Simondon não visa um anti-humanismo oposto a esse humanismo fácil, mas um “humanismo difícil”, que apreenda o humano segundo sua gênese e sua tecnicidade (BARTHÉLÉMY, 2008, p. 135).
5. A diferença entre o aprendizado da técnica para a criança e o adulto é objeto de uma seção na segunda parte de *Du Mode d'Existence des Objets Techniques* (SIMONDON, 1958, pp. 88-93).

#### REFERÊNCIAS

- ADORNO, T. & HORKHEIMER, M. 1974. *La Dialectique de la Raison*. Paris : Gallimard.
- BARTHÉLÉMY, J.-H. 2005. *Simondon et la philosophie de la nature*. Paris: L’Harmattan.
- \_\_\_\_\_. 2008. *Simondon ou l’encyclopédisme génétique*. Paris: Presses Universitaires de France.
- BENJAMIN, W. 2000a. Expérience et Pauvreté. In : *Oeuvres II*. Paris : Gallimard.
- \_\_\_\_\_. 2000b. Petite Histoire de la Photographie. In : *Oeuvres II*. Paris : Gallimard.
- \_\_\_\_\_. 2000c. L’Oeuvre d’Art à l’Âge de sa Reproductibilité Technique. In : *Oeuvres III*. Paris : Gallimard.
- BLONDEAU, O. 2004. Des hackers aux cyborgs: le bug simondonien. *Multitudes*, Paris, n. 18, pp. 91-99, Automne 2004.
- CHABOT, P. 2003. *La philosophie de Simondon*. Paris: Vrin.
- CHATEAU, J.-Y. 2008. *Le vocabulaire de Simondon*. Paris: Ellipses.
- DEBAISE, D. 2002. Les conditions d’une pensée de la relation selon Simondon. In: CHABOT, P. (org.). *Simondon*. Paris: Vrin.



GARCIA DOS SANTOS, L. 2003. Tecnologia, perda do humano e crise do sujeito de direito. In: *Politizar as Novas Tecnologias: O impacto sociotécnico da informação digital e genética*. São Paulo: Editora 34.

\_\_\_\_\_. 2003. Limites e Rupturas na Esfera da Informação. In: *Politizar as Novas Tecnologias: O impacto sociotécnico da informação digital e genética*. São Paulo: Editora 34.

HARAWAY, D. 1985. A Cyborg Manifesto: Science, Technology, and Socialist-Feminism in the Late Twentieth Century. In: *Simians, Cyborgs, and Women: The Reinvention of Nature*. New York: Routledge.

HEIDEGGER, M. 1992. La question de la technique. In: *Essais et conférences*. Paris: Gallimard.

JOY, B. 2000. *Why the future doesn't need us*, [Online]. Wired Magazine. Disponibilidade: <http://www.wired.com/wired/archive/8.04/joy.html>. [12/06/2014]

LEROI-GOURHAN, A. 1989. *Le geste et la parole*. Paris: Albin Michel.

\_\_\_\_\_. 1992. *Milieu et techniques*. Paris: Albin Michel.

MASSUMI, B. 2009. "Technical Mentality" Revisited: Brian Massumi on Gilbert Simondon. In: *Parrhesia*, New York, n. 7, pp. 36-45, Agosto 2009.

MARX, K. 1983. *O Capital*, v. 1. São Paulo: Nova Cultural.

\_\_\_\_\_. 2013. *Grundrisse*. São Paulo: Boitempo.

SIMONDON, G. 1958. *Du mode d'existence des objets techniques*. Paris: Aubier.

\_\_\_\_\_. 2005a. *L'individuation à la lumière des notions de forme et d'information*. Paris: Millon.

\_\_\_\_\_. 2005b. *L'invention dans les techniques: Cours et conférences*. Paris: Millon.

STIEGLER, B. 1994. *La technique et le temps, 1: La Faute d'Épiméthée*. Paris: Galilée.

VIANA, D. 2011. *O impensável bate à porta*, [Online]. Valor Econômico. Disponibilidade: <http://www.valor.com.br/cultura/201491/o-impensavel-bate-porta>. [17/06/2014]